



SBQP 2023

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
QUALIDADE DO PROJETO
NO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Sustentabilidade e Responsabilidade Social
no Projeto. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da
Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
De 16 a 18 de Novembro, Pelotas, RS, Brasil.

PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA NO CAMPO OLÍMPICO DE GOLFE DO RIO DE JANEIRO E SEUS USOS NO PERÍODO PÓS-JOGOS¹

SILVA, Gabriela Costa da (1)

(1) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, gs.arq@hotmail.com.br

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre a percepção de segurança de diferentes grupos de pessoas no Campo Olímpico de Golfe do Rio de Janeiro e os seus usos no período pós-jogos. Os dados foram coletados por meio de questionários com usuários do local e moradores do seu entorno próximo e entrevistas com funcionários do Campo Olímpico de Golfe, usuários e moradores das imediações. Os dados provenientes dos questionários foram analisados por meio de frequências, através do programa SPSS/PC, e as entrevistas através de interpretações. Os resultados indicam que a percepção de segurança no Campo Olímpico de Golfe por parte dos seus usuários e moradores do entorno que o frequentam é sustentada pelo desconhecimento de crimes no local e pela presença de vigias e cercamento, favorecendo o uso do local no período pós-jogos por atletas e não-atletas que o frequentam, fundamentalmente, para a prática do esporte, ainda que outras atividades ocorram no local. Embora os moradores do entorno avaliem a segurança do entorno deste campo como mediana, este aspecto parece não justificar a falta de uso do campo por este grupo, que está mais relacionada às atividades realizadas no local e às suas divulgações.

Palavras-chave: Campo Olímpico de Golfe. Percepção. Segurança. Uso pós-jogos.

ABSTRACT

This paper investigates the relationship between different groups of people's perception of safety at the Olympic Golf Course in Rio de Janeiro and its uses in the post-games period. Data were collected through questionnaires with users of the site and residents of its immediate surroundings and interviews with employees of the Olympic Golf Course, users and residents of the vicinity. The data from the questionnaires were analyzed using frequencies, through the SPSS/PC program, and the interviews through interpretations. The results indicate that the perception of security in the Olympic Golf Course by its users and the surrounding residents who frequent it is sustained by the lack of knowledge of crimes in the place and by the presence of guards and fencing, favoring the use of the place in the post-camp period. games by athletes and non-athletes who go there, fundamentally, to practice the sport, even though other activities take place there. Although the surrounding residents assess the safety around this field as average, this aspect does not seem to justify the lack of use of the field by this group, which is more related to the activities carried out on the site and their disclosures.

Keywords: Olympic Golf Course. Perception. Security. Post-game use.

¹ SILVA, Gabriela Costa da. Percepção de segurança no Campo Olímpico de Golfe do Rio de Janeiro e seus usos no período pós-jogos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 8., 2023, Pelotas. **Anais...** Pelotas: PROGRAU/UFPel, 2023. p. 01-10. DOI <https://doi.org/10.46421/sbqp.v3i.3729>

1 INTRODUÇÃO

A ausência de planejamento para os usos dos equipamentos olímpicos após o término das Olimpíadas reflete na subutilização dos mesmos (AMARAL, 2013), o que é evidenciado pela baixa porcentagem de instalações utilizadas de modo satisfatório no período pós-jogos, principalmente, a partir de 1960 (CASHMAN, 1998; ROULT; LEFEBVRE, 2010), sendo um problema comum às diferentes cidades-sede, como acontece, por exemplo, em instalações de Sydney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008) (MASCARENHAS, 2014; PANAGIOTOPOULOU, 2014; ALM *et al.*, 2014). Contudo, a realização dos Jogos Olímpicos está associada ao legado deixado para a cidade-sede e a sua população, o que inclui o uso das instalações esportivas construídas (GOLD; GOLD, 2009; CASHMAN, 2012; DAVIES, 2012), principalmente, pela baixa renda (RAEDER, 2010; VEERE, 2020).

Por este motivo, entende-se como fundamental planejar o uso de espaços olímpicos com base nas necessidades, relacionadas ao lazer e esporte, da população local e dos seus principais usuários (VIGNEAU, 1998 apud RIBEIRO, 2008; SANTOS, 2015). Como forma de manter o uso constante de espaços olímpicos no período pós-jogos, Amaral (2013) avalia como importante a presença de usos diversos em um mesmo local, pois é uma forma de intensificar o funcionamento do equipamento, atraindo pessoas independentemente das atividades esportivas.

Junto ao planejamento das atividades desenvolvidas nas áreas olímpicas, a segurança é outro fator que implica nos seus usos no período pós-jogos. Conforme Francis (2003), a percepção de segurança é requisito para uma boa avaliação de desempenho do espaço aberto, em contraposição, se houver uma percepção de insegurança e medo em determinado espaço, as pessoas tendem a evitá-lo, mesmo quando bem projetado e atrativo. O medo do crime mantém as pessoas fora das ruas, parques e praças, especialmente à noite, agindo como uma barreira para a participação da vida pública da cidade. Esta situação promove ainda mais a percepção de insegurança, pois, segundo Hillier *et al.*, (1993) e Jacobs (2014), quanto maior a presença de pessoas, maior a percepção de segurança e menor a possibilidade de ocorrência de crimes.

Por sua vez, entende-se que determinadas propriedades do ambiente físico podem reduzir a ocorrência destes crime e contribuir para a percepção de segurança e, assim, otimizar o uso dos espaços abertos públicos e dos equipamentos acessíveis a partir destes (NEWMAN, 1973; POYNER, 1983; JACOBS, 2014).

Nesse sentido, a aparência das edificações e dos espaços abertos pode influenciar na percepção de segurança, logo, locais com boa aparência podem proporcionar maior sentimento de segurança comparado a espaços com má aparência (NEWMAN, 1973; SAVILLE; CLEVELAND, 1998), da mesma maneira que locais com boa manutenção e limpeza transmitem maior sentimento de segurança, contribuindo para a prática de atividades sociais nos espaços abertos (GAMBIM, 2007; RECKZIEGEL, 2009). A manutenção inadequada dos espaços indica ausência de envolvimento por parte dos moradores e/ou órgãos públicos responsáveis, estimulando o vandalismo e outros tipos de crimes contra a propriedade (NEWMAN, 1973).

O controle de território, relacionado ao sentimento de propriedade e pertencimento que os indivíduos têm sobre o espaço urbano, é citado por alguns autores como princípio fundamental para a segurança (NEWMAN, 1973; SAVILLE; CLEVELAND, 1998). Este controle pode ser realizado por barreiras simbólicas ou reais e permite regular regras de funcionamento social, promovendo a segurança e a percepção de segurança. Embora este conceito seja utilizado, na maioria das vezes, para demarcar

o espaço privado do público em áreas residenciais (NEWMAN, 1973), o controle de território também pode ser aplicado para definir diferentes espaços públicos.

Adicionalmente, a oferta de várias atividades concentradas em locais próximos tende a proporcionar áreas de lazer com maior intensidade de uso (JACOBS; APPELYARD, 1987; GEHL, 2014; JACOBS, 2014) por indivíduos pertencentes a diferentes grupos de estilo de vida, que ocupam determinados locais dentro das ruas e praças, contribuindo para a vigilância natural do espaço aberto público (GEHL, 2014; JACOBS, 2014).

Apesar deste conhecimento, os estudos acerca da percepção de segurança em espaços olímpicos e seu entorno estão relacionados, fundamentalmente, ao período do megaevento (p. ex., NEIROTTI; HILLIARD, 2006; KONSTANTAKI; WICKENS, 2010; BOO; GU, 2013; GEORGE; SWART, 2015), devido à quantidade de atentados terroristas durante as Olimpíadas ou em datas muito próximas (Munique em 1972, Atlanta em 1996, Londres em 2012) e a sua influência na decisão dos espectadores de assistir aos jogos (NEIROTTI; HILLIARD, 2006). Assim, tendo em vista a importância do uso dos espaços olímpicos para o legado proveniente do megaevento e da percepção de segurança para o uso destes locais, é objetivo deste estudo investigar a relação entre a percepção de segurança de diferentes grupos de pessoas no Campo Olímpico de Golfe do Rio de Janeiro e os seus usos no período pós-jogos.

2 METODOLOGIA

Para responder ao objetivo deste trabalho, tem-se como estudo o Campo Olímpico de Golfe do Rio de Janeiro (Figura 1), o qual recebeu as Olimpíadas de 2016. Este campo fica localizado no bairro Barra da Tijuca, o qual abriga 5% da população do Rio de Janeiro, com predomínio de pessoas com faixa etária de 35 a 49 anos, seguido de pessoas de 50 a 69 anos. O rendimento nominal mensal domiciliar é, na sua maioria, maior que 20 salários mínimos (IBGE, 2010), o que permite caracterizar o bairro por ocupações de alto poder orçamentário (PASQUOTTO, 2016).

Figura 1 – Campo Olímpico de Golfe do Rio de Janeiro



Fonte: Autora (2019)

Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de questionários online, através do programa LimeSurvey, com os seguintes grupos: (i) usuários do Campo Olímpico de Golfe, cujo questionário foi composto por 23 questões e aplicado entre os dias 8

e 16 de novembro de 2019 neste campo, por meio de um tablet com acesso à internet disponibilizado pela pesquisadora, totalizando 47 respondentes; e (ii) moradores do entorno do Campo Olímpico de Golfe, cujo questionário foi composto por 24 questões e aplicado entre os dias 10 e 19 de novembro de 2019, com pessoas que foram abordados pela pesquisadora em estabelecimentos comerciais (mercado, cafeteria) próximos a este campo, totalizando 36 respondentes.

Adicionalmente, foram realizadas entrevistas estruturadas com os seguintes grupos: (i) três entrevistas com funcionários do Campo Olímpico de Golfe, que foram contatados via Instagram a partir do check-in neste campo e entrevistados via ligação por WhatsApp entre os dias 14 e 18 de novembro de 2019; (ii) 11 entrevistas com usuários do Campo Olímpico de Golfe, os quais foram contatados e entrevistados pessoalmente neste campo entre os dias 14 e 28 de novembro de 2019; e (iii) sete entrevistas com os moradores do entorno entre 23 de fevereiro e 28 de abril de 2020, sendo que o primeiro morador entrevistado foi contatado diretamente pelo WhatsApp a partir de uma indicação feita por um usuário do Campo Olímpico de Golfe e teve sua entrevista realizada via ligação pelo mesmo aplicativo, e as demais entrevistas ocorreram mediante a indicação de outros moradores, os quais também foram contatados e entrevistados via WhatsApp.

Os dados dos questionários no LimeSurvey foram transferidos diretamente para o programa estatístico SPSS/PC e analisados através de frequências. As entrevistas foram registradas oralmente através de um gravador e, posteriormente, foram transcritas. A partir da categorização das informações obtidas nas entrevistas, os dados foram analisados de acordo com a frequência, conteúdo e importância dos pontos mencionados pelos entrevistados.

3 RESULTADOS

Apesar da modalidade do golfe não fazer parte dos Jogos Olímpicos há 112 anos, foi uma decisão do COI incluí-la na edição do Rio de Janeiro de 2016. Conforme um dos funcionários entrevistados, o local funciona, sobretudo, para a prática de golfe, embora receba outros eventos, tais como: festas de casamento; workshop; palestras; e eventos corporativos e religiosos. Ainda, o local possui uma loja, um restaurante, uma capela e um lounge (espaço com sofás com vista para o campo), permitindo que as pessoas fiquem mais tempo neste local após terminar sua partida de golfe.

Segundo os três funcionários entrevistados, o Campo Olímpico de Golfe é um espaço público e qualquer pessoa pode ir ao local, contudo, para jogar é necessário pagar o *Green Free* que, conforme um dos funcionários entrevistados, *“é como se fosse um ticket, um ingresso para você jogar”*, que custa R\$210,00 (para residentes no Brasil). Os três funcionários afirmam que o local possui um projeto social denominado ‘Golfe que te quero Golfe’, o qual proporciona aulas sobre este esporte e o meio ambiente para crianças de escolas carentes. Conforme um dos funcionários entrevistados, *“este projeto envolve crianças de escolas públicas que normalmente nunca teriam contato com o golfe. Então, uma vez por mês nós pagamos um ônibus executivo para trazer as crianças para terem um dia de educação ambiental e aula de golfe”*. Ainda, o Campo Olímpico de Golfe possui o ‘Projeto Mantenedor’, o qual possibilita que um usuário do espaço apadrinhe uma criança e/ou jovem para treinar no campo e participar de campeonatos regionais e nacionais.

Conforme os resultados obtidos através dos questionários, 15 usuários (de 47 – 31,92%) do Campo Olímpico de Golfe são atletas que frequentam o local, fundamentalmente, para jogar golfe (100%) e participar de campeonatos desta

modalidade (100%). Ainda, dentre os 11 usuários entrevistados, três (27,27%) são atletas que utilizam o Campo Olímpico de Golfe para treinar de cinco a seis vezes por semana (33,33% - 1 de 3) e todos os dias da semana (66,67% - 2 de 3). Por sua vez, dentre estes três atletas, dois são apadrinhados por um usuário do Campo por meio do 'Projeto Mantenedor'. Nesse sentido, um destes atletas entrevistados informa: *"eu, por exemplo, não tenho dinheiro para pagar para jogar e eu sempre quis jogar golfe, só que não podia. Então, teve esse projeto que eu gostei muito. Para mim é muito importante. Faz três anos que jogo por esse projeto"*. Da mesma forma, outro usuário entrevistado que recebe apoio por meio do 'Projeto Mantenedor' há dois anos entende que o local é um legado deixado pelas Olimpíadas em razão da oportunidade que jovens de baixa renda têm de praticar e competir o esporte. Logo, embora a maioria dos usuários do Campo Olímpico de Golfe seja caracterizada pela classe alta, a presença de projetos sociais oportuniza a prática deste esporte por crianças e jovens de baixa renda.

De acordo com os resultados obtidos por meio dos questionários, os 32 usuários (de 47 – 68,08%) não-atletas do Campo Olímpico de Golfe frequentam o local, sobretudo, para jogar golfe (87,5% - 28 de 32). Ainda, os oito usuários (de 11 – 72,73%) não-atletas do Campo Olímpico de Golfe entrevistados utilizam o espaço para jogar golfe de uma a duas vezes na semana (87,5% - 7 de 8) e de três a quatro vezes na semana (12,5% - 1 de 8). Dentre estes oito usuários não-atletas, um deles tem uma criança apadrinhada pelo 'Projeto Mantenedor', o qual explica: *"eu pago uma taxa de manutenção, se não me engano é 20 mil por ano, alguma coisinha assim. Pagando isso você está mantendo uma criança (...) a gente tenta incentivar o esporte"*.

Adicionalmente, conforme os questionários, dentre os 36 (100%) moradores do entorno do Campo Olímpico de Golfe que não são atletas, a grande maioria (88,89% - 32 de 36) não frequenta o local por não ter conhecimento dos eventos distintos de golfe que acontecem no espaço (56,25% - 18 de 32), não gostar do esporte (28,12% - 9 de 32) e preferir utilizar as áreas de lazer de onde mora (18,75% - 6 de 32). Para 25 (78,12%) destes 32 moradores, alguns aspectos contribuiriam no seu interesse em utilizar o local, conforme segue: (i) maior divulgação dos seus eventos e do local (48% - 12 de 25); (ii) atividades de lazer distintas de golfe (24% - 6 de 25); (iii) eventos para crianças (12% - 3 de 25); (iv) área de alimentação e lojas (12% - 3 de 25); e (v) aulas de golfe no período noturno (4% - 1 de 25).

Por outro lado, 11,11% (4 de 36) dos moradores do entorno questionados frequentam o Campo Olímpico de Golfe menos de uma vez por mês para as seguintes atividades: (i) ir ao restaurante (75% - 3 de 4); (ii) jogar golfe (25% - 1 de 4); (iii) encontrar amigos (25% - 1 de 4); e (iv) ir em eventos não esportivos (shows, palestras) (25% - 1 de 4). Ainda, os sete (100%) moradores do entorno entrevistados que não são atletas afirmam frequentar o Campo Olímpico de Golfe para praticar o esporte (85,71% - 6 de 7), encontrar amigos (57,14% - 4 de 7) e ir ao restaurante (28,57% - 2 de 7).

Em razão do uso constante do espaço e da presença de projetos sociais que englobam crianças e jovens de baixa renda, os três funcionários entrevistados entendem que o local é muito bem utilizado no período pós-jogos. Ainda, conforme um dos funcionários, *"o campo (...) está sendo um agente modificador do esporte no Brasil. O esporte, que é visto como muito elitizado, agora é praticado por pessoas de classe média e crianças carentes"*.

Logo, apesar da pequena amostra, os resultados indicam que o Campo Olímpico de Golfe é utilizado por atletas e não-atletas, sobretudo, para a prática desta modalidade. Tendo em vista o pouco uso desta instalação pelos moradores do seu

entorno, a presença de divulgação dos seus eventos e de atividades de lazer distintas de golfe contribuiria para o melhor uso do local. Nesse sentido, ainda que o Campo Olímpico de Golfe tenha como uso principal a prática do esporte, outros eventos ocorrem no local (p. ex., festas, jantares), os quais podem ser de interesse destes moradores. Adicionalmente, embora o Campo Olímpico de Golfe seja utilizado, sobretudo, por pessoas com alto poder aquisitivo, a existência de projetos sociais possibilita que o local também atenda crianças e jovens carentes, revelando sua importância como legado olímpico.

Acerca da percepção de segurança, para os três funcionários entrevistados, o Campo Olímpico de Golfe é seguro por nunca ter ocorrido roubos no local (100% - 3 de 3), ter portaria com a identificação de quem entra no campo (66,67% - 2 de 3) (Figura 2) e ter apenas uma via de acesso (33,33% - 1 de 3). Ainda, um dos funcionários entrevistados entende que “o Campo de Golfe está entre os condomínios que tem o preço por metro quadrado mais caro da Barra, o que contribui para a sua segurança”.

Figura 2 – Portaria e cercamento do Campo Olímpico de Golfe do Rio de Janeiro



Fonte: Autora (2019)

Da mesma forma, a segurança no Campo Olímpico de Golfe é percebida como muito positiva (95,45% - 42 de 44) pelos seus usuários questionados, independentemente do gênero, sobretudo, por não acontecer roubos (78,57%). Tal avaliação também é feita pelos usuários entrevistados (100% - 11 de 11), principalmente, por desconhecer crimes no local (100%) (Tabela 1).

Tabela 1 - Justificativas para a avaliação da segurança no Campo Olímpico de Golfe por cada grupo

Avaliações positivas (muito segura e segura)				
Justificativas	Usuários questionados	Moradores questionados	Usuários entrevistados	Moradores entrevistados
Não acontecem roubos	33 (78,57%)	1 (33,33%)	0	0
O Campo de Golfe possui cercamento	15 (35,71%)	1 (33,33%)	2 (18,18%)	0
Há vigias no interior do Campo de Golfe	7 (16,67%)	1 (33,33%)	0	2 (28,57%)
Raramente acontecem roubos	3 (7,14%)	0	0	0
Desconhecimento de crimes no local	0	0	11 (100%)	4 (57,14%)
Há portaria com vigia	0	0	2 (18,18%)	2 (28,57%)
Total da amostra	42 (100%)	3 (100%)	11 (100%)	7 (100%)

Fonte: Autora (2022)

A segurança no Campo Olímpico de Golfe é percebida como positiva pelos moradores do entorno questionados que o frequentam (75% - 3 de 4), pois não acontecem roubos (33%), possui cercamento (33%) e há vigias (33%). Para os moradores entrevistados, a segurança no local é muito positiva (100% - 7 de 7) por desconhecer crimes no local (57,14%) e ter vigias na área interna (28,57%) e na porta de acesso (28,57%) (Tabela 1). Para um dos moradores entrevistados, o fato de a entrada do campo "ser mais escondida, dificulta a visibilidade dos marginais e traz segurança para quem joga golfe".

Logo, o fato de não acontecer crimes no Campo Olímpico de Golfe e de ter vigias, que se concentram na portaria e na área construída (p. ex., restaurante, salas de reuniões, loja), e cercamento contribuem para a percepção positiva em relação à segurança no local por parte dos seus usuários e moradores do entorno que o frequentam, apesar da pequena amostra. A percepção de segurança relacionada à presença de vigias se refere mais à supervisão das pessoas que entram no local, aberto entre 6:30 e 18:00, tendo em vista que no campo não há vigias fazendo ronda. Nesse sentido, para um dos usuários entrevistados:

É importante a presença de um guarda na entrada do campo para ter melhor vigilância de quem frequenta o espaço. A região não tem comunidades por perto e é caracterizada por um padrão elevado, o que o torna mais seguro, mas ainda assim é bom ter esse controle.

No tocante à segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe, os três funcionários entrevistados a avaliam como muito positiva, uma vez que o bairro tem baixos índices de crime (66,67% - 2 de 3) e policiamento (33,33% - 1 de 3). Adicionalmente, "a Barra da Tijuca é um bairro feito para o automóvel, não para pedestre. Não tão exagerado como Brasília, mas ainda assim não é como a zona sul. As pessoas vão para o Campo de Golfe de carro", contribuindo para que o roubo a pedestre ocorra em menor proporção comparado ao restante da cidade, conforme o entendimento de um dos funcionários entrevistados.

A segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe é percebida como positiva (79,55% - 35 de 44) pelos seus usuários questionados, independentemente do gênero, sobretudo, por não acontecer roubos (60%). Ainda, para os usuários entrevistados, a segurança é muito positiva (90,9% - 10 de 11), principalmente, por desconhecer crimes na região (100%) (Tabela 2).

Tabela 2 - Justificativas para a avaliação da segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe por cada grupo

Avaliações positivas (muito segura e segura)				
Justificativas	Usuários questionados	Moradores questionados	Usuários entrevistados	Moradores entrevistados
Não acontecem roubos	21 (60%)	4 (20%)	0	0
Raramente acontecem roubos	11 (31,43%)	13 (65%)	0	1 (20%)
Há policiais nas ruas	4 (11,43%)	1 (5%)	1 (10%)	0
Presença de condomínios com segurança	0	1 (5%)	1 (10%)	0
Presença de poucas pessoas caminhando na rua	0	1 (5%)	0	0
Desconhecimento de crimes na região	0	0	10 (100%)	4 (80%)
Total da amostra	35 (100%)	20 (100%)	10 (100%)	5 (100%)
Avaliações negativas (muito insegura e insegura)				
Existência de roubos de veículos	1 (100%)	0	0	2 (100%)
Existência de roubos a pedestres	0	3 (60%)	1 (100%)	0
Não há policiais nas ruas	0	2 (40%)	0	1 (50%)
Total da amostra	1 (100%)	5 (100%)	1 (100%)	2 (100%)

Fonte: Autora (2022)

Por outro lado, a segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe é percebida como mediana (55,55% de avaliações positivas; 13,89% de avaliações negativas) pelos moradores questionados, independentemente do gênero, tendo em vista à existência de roubos a pedestres (60%) e à ausência de policiais nas ruas (40%) (Tabela 2).

Da mesma forma, para os moradores entrevistados, a segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe é mediana (71,43% de avaliações positivas; 28,57% de avaliações negativas) por ter conhecimento de roubos de veículos na região (100%) e não ter policiais nas ruas (50%) (Tabela 2). Ainda, um dos moradores entrevistados entende que há maior probabilidade de roubos de veículos, pois as pessoas utilizam o automóvel particular como principal meio de locomoção e afirma: *“eu moro do lado do golfe [150m] e vou de carro todos os dias, mesmo que meus materiais fiquem lá no armário. A Barra da Tijuca não tem possibilidade de você ir andando”*.

Logo, tendo em vista que os moradores que frequentam o Campo Olímpico de Golfe, bem como aqueles que não o frequentam avaliam a segurança do entorno como mediana, este aspecto parece não justificar a falta de uso do campo por este grupo, que está mais relacionada às atividades realizadas no local e às suas divulgações.

Portanto, os resultados indicam que a segurança no Campo Olímpico de Golfe é percebida como muito positiva pelos seus funcionários, usuários e moradores do entorno, indicando que a presença de vigias e de cercamento contribui para a percepção de segurança no local e seu consequente uso no período pós-jogos. Nesse sentido, a presença de vigias está relacionada, principalmente, à supervisão das pessoas que acessam o espaço, ainda que este seja considerado público. Ainda, a segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe é avaliada como muito positiva pelos seus funcionários e usuários, sobretudo, pelo desconhecimento de crimes na região. Todavia, apesar de tais avaliações, a Barra da Tijuca é o 148º bairro da cidade (de 154) com maior número de roubo a pedestre e o 139º bairro (de 154) com maior número de roubo de veículos em 2019. Nesse sentido, os moradores avaliam a segurança no entorno do Campo Olímpico de Golfe como mediana devido à ocorrência de roubos e à ausência de policiamento nas ruas. Ainda que esta região seja caracterizada por condomínios com segurança privada que podem vigiar o entorno próximo às residências, a Barra da Tijuca tem o veículo como principal meio de locomoção, o que contribui para a menor circulação de pessoas nas ruas. Logo, há maiores possibilidades de ocorrer um crime no espaço aberto público sem condições de a vítima pedir ajuda. Nesse caso, a presença de policiamento no entorno do Campo Olímpico de Golfe contribuiria para a maior percepção de segurança, principalmente, por parte dos moradores.

4 CONCLUSÕES

Embora o Campo Olímpico de Golfe seja utilizado para a prática desta modalidade, a presença de outros espaços (restaurante, capela, lounge) contribui para o seu uso por pessoas que não praticam golfe, reforçando a importância de incorporar novos usos junto às áreas olímpicas que não estejam relacionados exclusivamente ao esporte. Estes resultados estão em sintonia com o estudo de Amaral (2013), o qual conclui que a inclusão de espaços destinados ao lazer, à alimentação e ao descanso intensifica o funcionamento do equipamento, atraindo pessoas independentemente das atividades esportivas. Adicionalmente, apesar do Campo Olímpico de Golfe ser utilizado, sobretudo, por pessoas com maior poder aquisitivo, a inclusão de projetos sociais contribui para que crianças e jovens de baixa renda tenham acesso ao

esporte, revelando a importância de criar estratégias para que o legado proveniente de um espaço olímpico também inclua a população carente, conforme já mencionado por alguns autores (RAEDER, 2010; VEERE, 2020).

A percepção de segurança durante o dia por parte de usuários do Campo Olímpico de Golfe, sustentada pelo desconhecimento de assaltos, é afetada positivamente pela presença de cercamento, que canaliza a entrada e saída de pessoas durante o dia (quando essa área está aberta) a um único portão vigiado por guardas. Adicionalmente, verifica-se que a percepção de insegurança no entorno da área olímpica está associada à ausência de polícias fazendo a vigilância do espaço aberto público e ao conhecimento de crimes (roubos a pedestres e de veículos). Tendo em vista que os usuários do espaço urbano também contribuem para a vigilância natural, a diversidade de usos no entorno de áreas olímpicas também se torna relevante, pois possibilita que públicos variados ocupem as ruas por um período de tempo maior, como já mencionado por alguns autores (GEHL, 2014; JACOBS, 2014). Nesse sentido, espaços urbanos predominantemente residenciais, ocupados por condomínios fechados, com pouca conexão física e visual com a rua, e caracterizados por grandes quadras, as quais favorecem o deslocamento por veículos motorizados, propiciam o roubo a pedestre e a percepção de insegurança, tal como evidenciado no entorno do Campo Olímpico de Golfe.

REFERÊNCIAS

- ALM, J. *et al.* Hosting major sports events: the challenge of taming white elephants. **Leisure Studies**, v. 16, n. 25, p. 564–582, 2014.
- AMARAL, G. G. DO. **O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora de seu tecido urbano**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BOO, S.; GU, H. Risk Perception of Mega-events Risk Perception of Mega-events. **Journal of Sport & Tourism**, v. 15, n. 2, p. 139–161, 2013.
- CASHMAN, R. Olympic legacy in an Olympic city: monuments, museums and memory. In: 4th International Symposium for Olympic Research, London, 1998. **Proceedings...**London: International Centre for Olympic Studies, University of Western Ontario, 1998.
- CASHMAN, R. **Impact of the Games on Olympic Host Cities**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics (UAB) e International Chair in Olympism (IOC-UAB), 2012.
- FRANCIS, M. **Urban Open Space: Designing For User Needs**. Washington: Island Press, 2003.
- DAVIES, L. E. Beyond the Games: Regeneration legacies and London 2012. **Leisure Studies**, v. 31, n. 3, p. 309–337, 2012.
- GAMBIM, P. S. **A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- GEORGE, R.; SWART, K. Tourists' Perceptions of London, United Kingdom (UK), as a Safe Host City During the 2012 Olympic Games. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 32, n. 8, p. 1117–1132, 2015.
- GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Future indefinite? London 2012, the spectre of retrenchment and the challenge of Olympic Sports Legacy. **London Journal**, v. 34, n. 2, p. 179–196, 2009.
- HILLIER, B. *et al.* Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. **Environment and Planning B: Planning and Design**, v. 20, p. 29–66, 1993.

- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características da População e dos Domicílios: Resultados do Universo. **IBGE**, 2010. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadcm>>. Acesso em: 22 ago. 2018.
- JACOBS, A.; APPELYARD, D. Toward an urban design manifesto. **Journal of the American Planning Association**, v. 53, n. 1, p. 112–120, 1987.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- KONSTANTAKI, M.; WICKENS, E. Residents' Perceptions of Environmental and Security Issues at the 2012 London Olympic Games. **Journal of Sport & Tourism**, v. 15, n. 4, p. 337–357, 2010.
- MASCARENHAS, G. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, p. 52–65, nov. 2014.
- NEIROTTI, L. D.; HILLIARD, T. W. Impact of Olympic spectator safety perception and security concerns on travel decisions. **Tourism Review International**, v. 10, p. 269–284, 2006.
- NEWMAN, O. **Defensible space: crime prevention through urban design**. New York: Macmillan Publishing, 1973.
- PANAGIOTOPOULOU, R. The legacies of the Athens 2004 Olympic Games: A bitter-sweet burden. **Contemporary Social Science**, v. 9, n. 2, p. 173–195, 2014.
- PASQUOTTO, G. B. Uso e ocupação do solo na Barra da Tijuca e o espraiamento de sua "marca". In: V Colóquio Internacional sobre o Comércio e a Cidade: uma relação de origem, São Paulo, 2016. **Anais...São Paulo: FAUUSP/LABCOM**, 2016.
- POYNER, B. **Design against crime**. Cambridge: University Press, 1983.
- RAEDER, S. **Jogos e cidades: ordenamento territorial urbano em sedes de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.
- RECKZIEGEL, D. **Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- RIBEIRO, F. T. Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: A Importância das Instalações Esportivas. In: DACOSTA, L. P. *et al.* (Eds.). **Legado de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 109–116.
- ROULT, R.; LEFEBVRE, S. Planning and reconversion of olympic heritages: The montreal olympic stadium. **International Journal of the History of Sport**, v. 27, n. 16–18, p. 2731–2747, 2010.
- SANTOS, G. A. F. L. DOS. **Grandes eventos e a requalificação urbana O caso de Lisboa e os Jogos Olímpicos**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Estádio Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.
- SAVILLE, G.; CLEVELAND, G. 2ND generation CPTED: an antidote to the social Y2K virus of urban design. In: 3rd International CPTED Conference, Washington, 1998. **Proceedings...Washington: International CPTED Association**, 1998.
- VEERE, A. P. VAN DER. **A Study of the Tokyo 2020 'Game Changer Project' between the Netherlands and Japan: Leveraging Disability Sports in Local Communities in Japan**. Leiden, Holland: Leiden Asia Centre, 2020.
- VIGNEAU, F. **Les Espaces du Sport: la conception réductrice du**. Presses: Universitaires de France, 1998.